

Madame

das

berboletas

PERSONAGENS:

MADALENA DAS BORBOLETAS - DONA DE PENSÃO, SOLTEIRA, 20 ANOS

SEU INÁCIO - TIO DE MADALENA, 60 ANOS

DORA - AJUDANTE DE MADALENA NA PENSÃO, 17 ANOS

FREDERICO - BIÓLOGO GAÚCHO, 35 ANOS

GRINGO - BIÓLOGO, COLEGA DE FREDERICO, 35 ANOS

ÚRSULA - ESPOSA DE FREDERICO, 33 ANOS

ZINHO-OURO - FILHO DE MADALENA E FREDERICO, 3 ANOS

LOCAL : A PENSÃO DE MADALENA DAS BORBOLETAS, NA CIDADE DE SOLIDÃO, INTERIOR DE PERNAMBUCO.

DATA : SETEMBRO DE 1998

DEFINIÇÕES IMPORTANTES :

CANGAÇO - *sm.1 . Bras.* O conjunto das armas dos cangaceiros. 2. O seu gênero de vida. (Minidicionário Aurélio)

ATO ÚNICO

A sala grande de hóspedes da pensão de Madalena das Borboletas. A decoração é rústica . O reboco da parede está mal conservado. A cor da parede é alegre. Apesar disso, a sala está muito limpa. Algumas portas dão para outras peças da pensão. Algumas aberturas com um pano pendurado, no lugar de portas. Os tecidos dos panos são floridos e coloridos. Redes penduradas. Uma grande mesa para as refeições dos hóspedes. No centro, ao fundo, uma espingarda pendurada na parede. Nas outras paredes, várias borboletas artesanais de papel-crepom. No chão, encostado na parede do fundo, um acordeão vermelho brilhoso. Amanhece. Uma luz suave de setembro atravessa as frestas das janelas. Madalena das borboletas está deitada no chão. Suas faces estão exageradamente pintadas de carmim, bem como a boca. Seu vestido imita um desenho de asa de borboleta. Seu cabelo está preso. Dora está deitada dentro de uma rede. Dora acorda e ergue o tronco, colocando os pés no chão lentamente. Dora veste um vestido colorido e está de pés descalços. Seu cabelo negro escorre pelos ombros. Ela olha para a claridade da janela. Volta o olhar para Madalena . Após um longo tempo, procura os chinelos no chão. Calça-os, ainda sentada na rede. Passa uma perna por sobre a rede, ficando de frente para Madalena. Levanta da rede. Ajoelha-se ao lado de Madalena. Estende a mão para acordá-la, mas pára no meio da ação. Hesita por um instante. Segura no braço de Madalena, sacodindo-a . Madalena se senta de sobressalto, olhando para os lados. Dora a abraça. Madalena olha para frente, em estado de alerta . Dora se levanta e puxa Madalena pelo braço. Dora leva-a para dentro, A sala fica vazia. A luz cada vez mais intensa. É cedo. De uma outra porta entra Inácio, vestido de cangaceiro. Ele caminha com dificuldade e vai sentar-se numa rede. Ouvem-se três pancadas na porta. Silêncio. Dora chega apressada de dentro da casa. Passa a mão pelo vestido, alisando-o . Olha para os lados , sem perceber Inácio. Vê uma das borboletas de crepom caídas e junta-a, grudando-a novamente na parede. Vai

apressada até a porta. Abre a porta. Gringo avança para dentro da sala. Procura algo com o olhar. Gringo olha para Dora que está de cabeça baixa. Frederico entra devagar. Os dois homens se olham. Frederico e Gringo vestem roupas urbanas e botas sujas de pó. Frederico e Gringo possuem a pele clara. Frederico tem o cabelo loiro. Eles parecem cansados. Gringo olha para Dora :

GRINGO

Tu sabia que a gente vinha ?

Dora acena discretamente a cabeça de forma positiva.

FREDERICO

Essa mulher armou uma cilada pra nós. (*Apontando para as borboletas*) Olha só !

Frederico vai examinar as borboletas de perto.

GRINGO

Onde é que ela tá ?

Dora faz uma menção com a cabeça à peça onde Madame das borboletas entrara.

GRINGO

O gato comeu a tua língua ?

Dora levanta o olhar e encara Gringo, com uma ponta de raiva :

DORA

O que é que o senhor quer que eu diga ?

Gringo fica constrangido. Dora olha para fora da casa através da porta.

DORA

Fecho ?

Gringo olha para Frederico. Frederico vem até eles.

FREDERICO

Gringo, tu resolve da melhor maneira possível. Eu não quero ficar o dia todo aqui nessa Solidão.

DORA

(Olhando para fora da casa) Por que veio então ?

FREDERICO

(Pasma) Por quê ? O que significa esse monte de borboleta ?

DORA

(Para Frederico) Ontem ela passou a tarde toda recortando e colando, asa por asa. Com o Zinho-ouro.

FREDERICO

Que nome ela foi arranjar pro guri. *(Para Gringo)* Imagina o apelido que ele vai ganhar quando eu botar ele num colégio decente. *(Para Dora, com ironia)* Tem colégio nessa Solidão ?

DORA

O carro de vocês fez muita poeira. Tive que passar um pano em tudo.

FREDERICO

A gente chegou de noite pra ninguém perceber.

Dora encara Frederico. Frederico, sem jeito, se inquieta.

DORA

(Para Gringo) Fecho ?

Gringo sai pela porta. Frederico pega um brinquedo rústico de cima do sofá. Examina o brinquedo.

FREDERICO

(Sem olhar para Dora, constrangido) Como é mesmo o nome dele ?

INÁCIO

Não tem vergonha de perguntar uma coisa dessas, não ?

DORA

Zinho. Zinho-ouro.

INÁCIO

Por que vocês fazem isso com a gente ?

FREDERICO

Tu quer mesmo saber por que eu vim ?

DORA

Boba, não sou, não.

INÁCIO

Calma, minha filha. Eles querem arrancar o nosso pequeno, mas vão arrancar com dor. Quem vai sentir a dor vai ser eles. Vai ser ele.

Frederico larga o brinquedo e vai até Dora :

FREDERICO

(Desafiador) Eu sinto falta do guri. Ele é meu. Quer saber o que eu vim fazer aqui ? Vim buscar ele. Até loirinho ele é ! Igualzinho ao pai. Tem o sangue do pai. O meu sangue.

DORA

(Baixa a cabeça) Teimosa. Eu disse pra não mandar a foto.

INÁCIO

Deixa, Dora. Não foi a foto que trouxe ele não.

FREDERICO

(Agitado) Ou tu acha que eu vou deixar ele abandonado no meio dessa caatinga áspera, desse deserto sufocante ? Ele merece viver. Viver, ouviu ?

Dora olha em direção à porta que dá para os quartos. Frederico expira com força.

FREDERICO

(Quase sussurrando) Não, eu não quero acordar eles.

INÁCIO

Cabra da peste, não quer acordar é ela. Covarde.

Gringo entra seguido de Ursula. Dora olha nos olhos de Ursula. Dora olha para Gringo.

GRINGO

(Constrangido) Dora,...

DORA

Pára. Guarda as tuas palavras. Tu ainda vai precisar delas .

Dora fecha a porta. Frederico se irrita e avança em direção de Dora. Gringo o segura.

FREDERICO

Eu não suporto o jeito de falar dessa empregadinha.

DORA

(*Para Úrsula*) Sente, dona.

INÁCIO

Esta dona trouxe a desgraça.

FREDERICO

Vamos resolver isso de uma vez.

INÁCIO

Ele não sabe esperar. Calma, amarelo, aqui o tempo é outro. O sol dita as regras e não as gentes.

URSULA

(*Para Dora*) É muito bonitinha a pensão de vocês. (*para Gringo*) O Fred me falou horrores desse lugar.

INÁCIO

É claro, dona. A tragédia não é sua !

DORA

Se antes eu achava que ele não ia ter coragem de vir, agora eu vejo que ele é um cabra covarde por demais : trouxe o amigo e a mulher.

Gringo vai até Dora.

GRINGO

Dora...

INÁCIO

Pelo menos um de vocês tem que mostrar coragem. Ou sou eu que vou ter que ensinar isso ?

Inácio levanta-se da rede e vai até perto da porta. Pára e observa Dora e Gringo.

GRINGO

A gente quer que tu entendas que o motivo da nossa vinda até aqui...

DORA

Tu fala muito e diz pouco, Gringo.

GRINGO

(Baixa a cabeça) ...eu sei. (Olha para Dora) É que eu tenho pena dela . Nenhuma mãe quer ficar longe do filho.

DORA

(Seca) Ela vai morrer.

GRINGO

(Confuso) Mas aqui, no meio desta caatinga...

INÁCIO

A gente vive muito bem aqui, é a nossa terra, o nosso chão. Se falta alguma coisa, se dá um jeito, estrangeiro. A caatinga nunca matou ninguém.

GRINGO

...tu não achas também que o melhor pro guri é ir para um outro lugar, onde a educação dele tá garantida ?

DORA

(Aponta em direção do quarto) Quer que eu chame a Madame ?

GRINGO

(Assustado) Não !

FREDERICO

Essa casa tem um cheiro esquisito.

INÁCIO

É cheiro de dor, de sofrimento, de falta.

URSULA

(Levantando-se e indo até uma borboleta na parede) Que exagero, Fred. Olha que linda essa borboleta. Pelo jeito o guri é bem cuidado aqui.

Dora olha para Gringo com um sorriso triunfante na boca.

GRINGO

Dora, eu posso contar contigo ?

FREDERICO

(Um pouco exaltado) Menina, onde é que ela guardou as borboletas que a gente pegou, quando eu morava aqui ? *(Para Gringo)* Tu te lembra daquela branca ? Parecia neve. *(Pensativo)* Neve no sertão. Onde é que já se viu uma coisa dessas ?

Gringo espera uma resposta de Dora. Dora vai até uma gaveta e tira uma caixa de madeira com tampa de vidro. Entrega para Frederico. Volta para perto de Gringo. Úrsula vai até Frederico.

GRINGO

Pra que as borboletas agora ? Tu não vê que eu tô num assunto sério ?

FREDERICO

Borboleta é coisa séria também.

INÁCIO

(Olhando para Frederico) Minha sobrinha acabou virando a Madame das borboletas por causa sua, pesquisador. E o pessoal daqui não vê ela com bons olhos não. Condenam essa coleção de cadáveres de borboletas. Dizem que é um bicho muito lindo pra matar. E quem mata tem que ser castigado.

GRINGO

Por favor, Dora. Assim a gente acaba logo com essa história.

URSULA

Que sede ! E que calor a essa hora da manhã ! Em Recife não tava tão quente assim.

INÁCIO

(Rindo) Isso é o cangaço, filha. O cangaço.

DORA

Eu falo com ela.

Gringo expira aliviado.

DORA

(Indo até Ursula). Vem que um pouco de água ainda deve ter *(Sai por uma outra porta).*

Ursula fica atônita. Olha pra Frederico e depois para Gringo. Gringo acena a cabeça positivamente. Ursula sai atrás de Dora.

Silêncio. Gringo olha para Frederico que examina fascinado a caixa com as borboletas. Frederico avança e senta-se. Frederico olha para Gringo.

FREDERICO

Isto é maravilhoso. Eu nunca mais encontrei borboletas tão exóticas, tão diferentes...e especiais.

Inácio vai até o fundo e fica olhando para a espingarda na parede.

GRINGO

(Aliviado) Ela concordou. Graças a Deus.

FREDERICO

Olha só essa aqui!...

Inácio tira a espingarda da parede.

GRINGO

(Esfregando as mãos nos braços) Ficou frio de uma hora pra outra, tu não achou ?

Inácio vai até Frederico com a espingarda nas mãos.

FREDERICO

(Olha sério para Gringo) Eu nunca mais dancei forró...

GRINGO

(Pasma) O quê ?

Inácio pára atrás de Frederico e fica olhando as borboletas.

FREDERICO

(Largando a caixa do seu lado) Eu já tinha até me esquecido, mas quando eu vi essas borboletas encarceradas aqui dentro, eu me lembrei das vezes que nós saíamos pra caçar. *(Num quase delírio)* O sol a pino...a terra rachada...eu e ela...sabe...era bom...era muito bom.

GRINGO

Fred, tu pirou ? Chegou tão certo do que queria, *(Imitando Frederico com ironia)* o filho é meu, meu sangue e blá, blá, blá. E agora, isso ?

Frederico se levanta. Caminha pela sala. Inácio pega a caixa de borboletas e examina-a .

FREDERICO

Isso aqui, esta sala era o meu refúgio de amor e de alegria, descanso pro sol escaldante do sertão. *(Vai até uma borboleta)* E a gente escutava rádio juntos, deitados na rede...e eu não tenho mais coragem nem de deitar na rede. Eu tenho a sensação que vou cair no chão. Despençar. *(Acaricia uma borboleta da parede, arranca-a, vira-se e esfrega-a no seu rosto de olhos fechados)*

Inácio larga a caixa de borboletas e aponta a espingarda para Frederico que está do outro lado da sala. Gringo está pasmo, olhando para Frederico. Um momento de tensão. Frederico abre os olhos.

FREDERICO

(De sopetão) Não ! *(Larga a borboleta dentro da rede)*. Eu não agüento mais ficar aqui. Eu percebi todo o meu erro. E que esse meu erro nunca mais me dará

sossego. *(Olha para todos os lados)* Adeus, refúgio. *(Para Gringo)* Espero vocês no hotel.

GRINGO

Mas, Fred, espera, aonde é que...

Frederico abre a porta e sai apressado. Gringo faz menção de ir atrás dele, mas não sai da sala. Olha através da porta.

INÁCIO

(Com um sorriso triunfante e sarcástico) Há-há , o que se podia esperar dum cabra desses ? Quando eu esbravejei contra minha sobrinha, tentei preveni-la, poupar da desgraça iminente. Essa gente que chega de longe sempre vem pra arrancar o que a gente tem de melhor. E essa que o povo chama de “Madame das borboletas” vai ter que pagar o preço por ter renunciado ao cangaço. Quem nasceu no sertão tem que carregar ele dentro de si pro resto de vida. É como um coração : se arrancar fora, morre.

Inácio coloca a espingarda de volta na parede. Dora volta com Ursula de dentro da pensão. Dora percebe Gringo. Gringo se vira para elas. Dora vai até a porta e fecha-a . Inácio volta para a rede.

INÁCIO

Ela acordou.

URSULA

(Para Gringo) Eu conversei com a Dora bastante e ela prometeu que vai nos ajudar. Ela concordou que ele vai estar bem melhor cuidado longe daqui. *(Percebe a caixa de borboletas)* Ah, a caixa. Ué, onde é que o Fred se meteu ?

GRINGO

(Sem jeito) Ele já foi. Disse que nos espera no hotel.

URSULA

É melhor assim. Ela sofre menos. *(balançando a cabeça, examinando as borboletas)* Pobrezinhas.

Gringo e Dora se olham.

INÁCIO

Eu ouço as asas dela se batendo.

URSULA

(Indo até uma janela) Dora, tá muito escuro aqui. Eu vou abrir.

Dora corre até a janela e impede Ursula de abri-la. Ursula fica atônita.

DORA

O escuro é mais apropriado pra dor da minha senhora.

Ursula se arrepia.

INÁCIO

O calor aumenta, o dia cresce. É hora das borboletas saírem atrás do sol.

VOZ DE MADAME DAS BORBOLETAS

(De dentro da casa) Dora ! Dora ! Onde é que tu te enfiou, minha filha ?

Gringo e Ursula se olham. Dora corre até a porta de onde se ouve a voz. Dora tenta impedir a entrada de Madame das Borboletas. As duas se debatem. Dora é afastada pela Madame. Madame das Borboletas entra na sala e pára atônita. Ela está arrumada para um dia festivo, com o mesmo vestido do início da peça. O longo cabelo preso com uma flor. O rosto pintado com certo exagero.

MADAME DAS BORBOLETAS

Gringo ! Quanto tempo ! E o seu companheiro ? *(Olha para Ursula. Nervosa. Para Dora)*. Essa moça tá precisando de um quarto ?

Pausa curta.

MADAME DAS BORBOLETAS

Me responde, menina ? Vai ficar de cabeça baixa até quando ? (*Olha pela sala*) E essas janelas fechadas ? Como é que tu espera que venha alguém aqui. Vão pensar que tá fechada a pensão ! (*Para Úrsula*) Como é que a senhora entrou, se tava tudo fechado ?

URSULA

(*Sem jeito*) Mas eu achava que as pensões ficassem abertas vinte e quatro horas...

MADAME DAS BORBOLETAS

(*Agitada*) Mas não a minha ! Essa é uma pensão familiar. A gente dá duro aqui, a Dora e eu. (*Apontando para Dora, mais calma*) Essa é Dora, a minha ajudante. Dora, mostra o quarto pra essa dona.

URSULA

(*Constrangida*) Eu não vim me hospedar na sua pensão...

Madame das Borboletas olha para Gringo confusa. Gringo vai em direção a ela.

MADAME DAS BORBOLETAS

Pára, Gringo ! Se tu veio me trazer uma notícia ruim, me diz logo. (*Cambaleia e apóia-se numa cadeira*) Mas ele recém chegou ontem. A gente tossiu tanto com a poeira do carro de vocês...

Dora vai até Madame das Borboletas e abraça-a . Madame das Borboletas a repele.

MADAME DAS BORBOLETAS

Não preciso disso. Agüento no osso. Sou do cangaço.

DORA

Nunca duvidei disso.

MADAME DAS BORBOLETAS

(*Encara Dora*). Nem mesmo quando tio Inácio irrompeu por aquela porta me amaldiçoando, me fazendo morrer de vergonha, me acusando de ter traído o cangaço ?

Dora olha para Madame das Borboletas sem responder.

MADAME DAS BORBOLETAS

(*Para Gringo*) Então o desgraçado não veio junto contigo no carro ? Teve a coragem de te mandar sozinho ? Pra me dizer o quê ? Fala, homem ?

URSULA

Onde é que tá o guri ?

MADAME DAS BORBOLETAS

(*Olha para Ursula e estremece*) Por que ela pergunta pelo Zinho-ouro com essa voz de manteiga ? Dora, fala alguma coisa, sua tonta !

GRINGO

Ele chegou ontem, junto com a gente.

MADAME DAS BORBOLETAS

Gente ?

Madame das Borboletas vira-se para Ursula e a observa por um instante.

MADAME DAS BORBOLETAS

(*Para Ursula*) Dona, por que a senhora tem o cabelo tão amarelinho assim?

GRINGO

Ela não tem culpa nenhuma. Só quer o bem do Zinho-ouro.

MADAME DAS BORBOLETAS

O bem ?

DORA

Eles chegaram cedo, eu não quis acordar...

MADAME DAS BORBOLETAS

(Desconfiada) Gringo ?

GRINGO

(De cabeça baixa) A gente veio buscar o guri.

MADAME DAS BORBOLETAS

Buscar ? *(Olha para Dora, atônita)*

GRINGO

Hum...o Frederico...ele estava aqui...

INÁCIO

Fugiu, o cabra.

GRINGO

...seria melhor...

MADAME DAS BORBOLETAS

Não, o meu filho não. Já arrancaram o meu coração, enfiaram um alfinete pontudo bem dentro dele. E agora querem levar o pequeno ! Desgraça de vida !

GRINGO

É a melhor solução, Madame. Aqui ele não tem futuro.

INÁCIO

Quem nasce cangaceiro, morre cangaceiro, cabra do sul.

MADAME DAS BORBOLETAS

Como é que eu vou viver doravante ? *(Para Dora)* Sentada numa cadeira olhando as gentes entrando e saindo por essa porta, até virar uma mulher amassada e escura de sol, é isso, Dora ?

GRINGO

Explica pra ela , Dora !

DORA

Dona Madame, eu vou ficar aqui com a senhora.

MADAME DAS BORBOLETAS

E tu por acaso vai substituir o meu filho ?

ÚRSULA

(Aproximando-se de Madame das Borboletas) Me desculpa...Madame das borboletas...a minha intenção não é de desgraçar a sua vida...

MADAME DAS BORBOLETAS

(Aparentando controle) Eu sei, moça. Mas a dor de uma mãe que perde o filho é grande : seja pra seca ou pros que vem e roubam a gente. *(Ri triste)* Ah, agora eu entendi. O ouro vale mais do que o piche. Eu tenho é inveja da senhora.

Ursula e Gringo se olham constrangidos. Inácio levanta da rede e pega o acordeão. Dora conduz Madame das Borboletas até o sofá.

URSULA

Inveja ?

MADAME DAS BORBOLETAS

Esse cabelo dourado que brilha...Sob a grande ponte do céu, não há mulher mais feliz do que você. *(Olhando Ursula)* Eu lhe rogo que seja sempre feliz, não fique triste por mim. *(Olha para baixo)* A gente que é do cangaço se arranja.

Inácio volta a se sentar na rede. Inicia uma melodia lamentosa no acordeão.

GRINGO

(Desolado) Que merda !

URSULA

Eu compreendo a sua dor...

DORA

(Para Ursula, com raiva contida) Não compreende nada. A senhora tá em terra estrangeira e fala uma língua que a gente nem entende direito. Como é que vai entender o que se passa dentro de uma flor do sertão ?

Ursula se constrange.

MADAME DAS BORBOLETAS

Deixa ela em paz, Dora. Não tem culpa de nada.

GRINGO

Dora, a gente tinha combinado...

MADAME DAS BORBOLETAS

(Interrompendo) Combinado ? *(Rindo)* Não te entrega tão fácil, assim, menina. *(Olha para Ursula e Gringo)* Em meia hora eu lhes entrego Zinho-ouro.

Dora sacode a cabeça negativamente.

GRINGO

(Aliviado) Ainda bem. Tudo resolvido.

MADAME DAS BORBOLETAS

Com uma condição, porém...

Inácio pára de tocar o acordeão.

URSULA

Condição ?

GRINGO

(Aflito) Só faltava essa agora !

MADAME DAS BORBOLETAS

Eu quero que ele venha buscar o filho. *(Para Dora, irônica)* Afinal, o filho é dele, não é ?

Dora olha para Gringo e Ursula.

INÁCIO

Bravo, Madame !

GRINGO

Mas...

URSULA

(Segurando no braço de gringo) Tudo bem. Ele vem. (Em voz baixa) Vamos.

MADAME DAS BORBOLETAS

Leva eles até a porta, Dora. É assim que se faz.

Dora conduz Gringo e Ursula até a rua. Inácio reinicia a tocar, uma melodia fúnebre. Madame das borboletas solta o cabelo, segurando a flor nas mãos. Ela sacode a cabeça. Olha para a espingarda na parede. Cheira a flor de olhos fechados. Dora volta e fecha a porta.

MADAME DAS BORBOLETAS

Essa luz do sol incomoda os meus olhos. Não dá pra fechar mais as janelas ?

DORA

Não, senhora.

MADAME DAS BORBOLETAS

Esse cheiro de primavera no ar. *(Abre os olhos. Percebe a caixa das borboletas do seu lado)* Dora, *(pega a caixa)* queima.

Dora fica surpresa.

MADAME DAS BORBOLETAS

Vai ficar aí parada ?

Dora vai lentamente até Madame das borboletas e pega a caixa.

MADAME DAS BORBOLETAS

Vai ver o que Zinho-ouro está fazendo.

Dora fica olhando Madame das Borboletas por um instante.

MADAME DAS BORBOLETAS

E me traz uma escova.

Dora sai para o quarto. Inácio pára de tocar. Levanta da rede e vem até perto da Madame das Borboletas. Ele fica de pé atrás dela e inicia uma melodia melancólica e lírica.

MADAME DAS BORBOLETAS

(De olhos fechados) E ele me chamava de menina de olhos cheios de encanto! Gostava da minha trança morena e implorava para que eu dissesse : “eu te amo”. E eu nunca disse. *(Faz movimentos com as mãos imitando as asas de uma borboleta)* E eu lhe dizia : “Amai-me, por favor, mesmo só um pouco, como se ama uma criança, como a mim convém. Amai-me por favor.”. Porque na verdade nós somos pessoas habituadas às coisas pequenas, humildes e silenciosas, a uma ternura que acaricia a superfície, mas é profunda como o céu e extensa como o sertão. *(Imita o vôo de uma borboleta em vão)*. E assim as borboletas continuavam caindo na rede dele, nem acredito que passamos quatro meses juntos aqui, e continuavam sendo furadas com um alfinete e pregadas na madeira. E naquele tempo era eu, e ele. Sem Zinho-ouro, sem essa dona loirosa sem o tio Inácio. *(Baixa a cabeça)* Que Deus o tenha no céu, onde ele deve estar. *(Levanta a cabeça e abre os olhos . Levanta-se e vai até a espingarda. Tira-a da parede enfia a flor na abertura da arma. Aperta a arma contra si.)* Fred, agora eu posso te dizer. Eu te amo.

Dora entra e se assusta com a cena que vê. Inácio pára de tocar e coloca o acordeão no sofá.

DORA

Madame !

MADAME DAS BORBOLETAS

(Vira-se para Dora) Ah, nem te ouvi entrar. E o menino ?

DORA

(Assustada) Brincando.

MADAME DAS BORBOLETAS

(Sentando-se na cadeira) Vem, escova o meu cabelo.

Dora vai até Madame das Borboletas e começa a escovar os cabelos da outra, com uma expressão de tristeza. Madame das Borboletas fecha os olhos e sorri. Permanecem assim por um tempo.

MADAME DAS BORBOLETAS

(Abrindo os olhos) Está bem assim. Vai e fica com ele. *(Vai até uma rede)*

Dora não se move.

MADAME DAS BORBOLETAS

(Sem olhar para Dora, alisando a espingarda). Dora, minha pobre Dora. O nosso destino é esse e nenhum outro mais. Vai, que o tempo corre.

INÁCIO

Ela já está comigo, Dora. Vai.

DORA

Por favor, Madame !

MADAME DAS BORBOLETAS

(Vira-se para Dora) Cuida bem desta pensão. Vai, Dora, eu tô mandando.

Dora sai cabisbaixa.

MADAME DAS BORBOLETAS

(Olhando para a espingarda) Pronto, tio Inácio. Agora não falta mais muito. Pra limpar a honra do cangaço. Se tu tivesse aqui, tu ficaria orgulhoso de mim.

INÁCIO

(Com um sorriso) Mas eu estou aqui, filha. Do teu lado.

MADAME DAS BORBOLETAS

O menino vai ter que entender mais tarde porque é que eu fiz isso. Ele tem o meu sangue, o nosso sangue. E isso nunca vai mudar. (*Vai até uma cadeira e se senta . Com voz triste*). Pena que o sertão não vai ver ele crescer. No meio de uma cidade suja, longe do lugar dele, no meio de gente estranha, que fala uma língua outra que não a nossa. Mas ele tem o cangaço dentro dele. Isso ninguém nunca vai poder arrancar. Nunca!

Inácio abre as janelas, deixando entrar a luz incandescente e clara na sala . Madame das Borboletas levanta a cabeça com grande alegria.

MADAME DAS BORBOLETAS

Agora eu estou preenchida de sol.

A luz vai diminuindo até a quase escuridão. Silêncio. Ouve-se um disparo. A luz começa a aumentar até alcançar a luminosidade com as janelas abertas. Dora surge correndo de dentro da pensão. Inácio está sentado dentro da rede, sorrindo. Uma borboleta voa pela sala. Dora acompanha o vôo dela espantada. A borboleta sai voando pela janela. Dora vai até a janela e fica olhando para fora.

F I M